



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO**

Monografia de Especialização

**EVASÃO ESCOLAR:
uma questão que preocupa**

DENISE ROSA MEDEIROS

NAEES/CE/UFSM

Santa Maria, RS, Brasil.

2005



**EVASÃO ESCOLAR:
uma questão que preocupa**

por

DENISE ROSA MEDEIROS

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em
Educação com ênfase em Gestão Educacional,
da Universidade Federal de Santa Maria (RS), como
requisito parcial para obtenção do grau de

Especialista em Gestão Educacional

NAEES/CE/UFSM

Santa Maria, RS, Brasil.

2005

**Universidade Federal de Santa Maria
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Núcleo de Atividades Especiais de Extensão e Serviços**

Centro de Educação

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

**EVASÃO ESCOLAR:
uma questão que preocupa**

elaborada por

DENISE ROSA MEDEIROS

como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Gestão Educacional

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^a. Ms. Marilú Favarin Marin
(Presidente/Orientadora)

Prof. Dr. Celso Ilgo Henz

Prof^a. Dr^a. Karina Klinke

Prof. Esp. José Luiz Padilha Damilano

Santa Maria, 21 de março de 2005.

Dedico este trabalho à minha família, principalmente aos filhos Natasha e Gabriel e esposo Jairo pelo apoio e compreensão nos momentos de ausência e de reclusão, necessários e dedicados aos estudos.

“Se o educador tiver uma cultura geral, que lhe permita organizar uma doutrina de vida e ampliar o seu horizonte mental, poderá ver o problema educacional em conjunto, de um ponto de vista mais largo, para subordinar o problema pedagógico ou dos métodos ao problema filosófico ou dos fins da educação”.

(Anísio Teixeira)

AGRADECIMENTOS

Concluir um trabalho monográfico não depende somente de esforço pessoal, mas também da satisfação de ter contado com a contribuição de outras pessoas, que de alguma forma, influenciaram na realização do mesmo. Meu agradecimento a elas que foram o alicerce seguro nesta construção.

A Deus, que tem proporcionado situações de crescimento e é presença constante em meu viver.

Aos meus amados filhos Natasha e Gabriel e esposo Jairo pelo amor, compreensão, apoio e incentivo na realização deste sonho. No mérito de minhas conquistas há muito da presença de vocês.

Aos meus familiares principalmente na figura de minha mãe e psicopedagoga Elizabeth, pelo incentivo, carinho e, sobretudo cuidado e dedicação aos meus filhos. À irmã e colega Márcia pela palavra amiga, a mão estendida, o sorriso franco, pelas trocas de experiências, incentivo e apoio à busca de conhecimento.

À pedagoga Etedy Vivian pela amizade, confiança e estímulo, proporcionando situações de crescimento cultural através das mais variadas leituras.

À professora Marilú pela orientação segura e confiança depositada em minha pessoa.

Aos colegas, pela busca dos mesmos objetivos e realização do mesmo sonho.

A todos que sabiamente colaboraram, motivaram e apostaram na minha formação e especialização, valorizando a importância de construir o saber. Meu muito obrigada.

**Monografia de Especialização
Curso de Especialização em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil.**

EVASÃO ESCOLAR: uma questão que preocupa

Autora: Denise Rosa Medeiros.

Orientador: Prof. Ms. Marilú Favarin Marin.

Santa Maria, 21 de março de 2005.

RESUMO

Este trabalho analisa a evasão escolar no sistema Educacional de Caçapava do Sul em uma escola da rede municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental de 1ª à 8ª séries. Versará sobre a importância de um ensino reflexivo de qualidade e as relações afetivas entre professor-aluno à luz da questão da evasão escolar na educação. Neste será desenvolvido um estudo sobre as possíveis causas da evasão escolar e o que leva o aluno a desistir de frequentar a escola. No texto procura-se mostrar alternativas que ajudarão a minimizar este fato e também o que os professores podem fazer para ajudar a mudar este contexto, ou melhor, esta realidade que enfrentamos no Brasil e no mundo. Sabe-se que a escola pode oferecer um modo mais significativo de aperfeiçoamento e para isso ela precisa resgatar o aluno e a alegria de construir conhecimento através da interação com o outro e o meio. Aborda-se também a influência da avaliação, da repetência e as consequências que a evasão pode ocasionar na vida do cidadão causando a exclusão social e o analfabetismo.

Palavras-chave - Evasão escolar, educação, ensino reflexivo.

ABSTRACT

**Specialization Monograph
Course of Specialization in Educational Management
Federal University of Santa Maria, RS, Brazil.**

**EVASÃO ESCOLAR: uma questão que preocupa
(School escape: a subject that worries)**

Author: Denise Rosa Medeiros

Orienting : Prof^a. Ms. Marilú Favarin Marin

Date e Local of the Defense: Saint Maria, March 21th of 2005.

This work analyzes the school escape in the Educational system of “Caçapava do Sul” in a municipal net school of childish education and Fundamental Teaching. It will turn about the importance of a quality reflexive teaching and the affective relationships among teacher-student under the light of the subject of the school escape in the education. On that a study will be developed about possible causes of the school escape and what induces the student to give up to attend a school. In the text we try to show some alternatives that will help to minimize this fact and also what the teachers can do to help change this context, that is, this reality we faced in Brazil and in the world. It is known this can offer a more significant way of improvement and in order to that we need to rescue the student and the happiness of building knowledge through the interaction with the other and the ambiency. It is also boarded the influence of the evaluation, repetition, and the consequences the escape can cause in the citizen's life, from the social exclusion to the analphabetism (illiteracy).

Word-key - School escape, education, reflexive teaching.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	v
RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	01
CAPITULO I	
1. Evasão e repetência: levantamento de dados na escola para uma melhor compreensão.....	05
1.1. Metodologia Aplicada.....	08
1.2. Visão dos profissionais de educação frente à entrevista.....	11
1.3. Percepção dos alunos sobre a realidade escolar.....	15
CAPITULO II	
2. Evasão no Brasil.....	20
CAPITULO III	
3. Educação que queremos: uma mudança a ser construída.....	26
3.1. Escola e realidade: um novo modo de ensinar e aprender.....	32
3.2. Professores frente a uma nova realidade.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
BIBLIOGRAFIA	52
ANEXOS	55

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Muito se tem pesquisado, desenvolvido, acompanhado e testado no campo da educação. Teóricos, autores, nos seus mais diversos volumes pedagógicos relatam suas experiências, trazendo-nos diferentes maneiras de pensar, de agir e de relacionar-se.

A partir da realidade vivenciada em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, que apresenta altos índices de evasão, surge a preocupante indagação: “Será que o sistema de ensino dá a verdadeira importância que o tema **Evasão** merece?” Parece que o fenômeno da “Evasão Escolar” tem preocupado os educadores bem menos do que deveria.

Ninguém nega que a escola é o grande alicerce para o futuro, torna todos mais preparados, cria consciência política, a identidade individual coletiva e cultural entre outros, mas também exclui muitas vezes quando avalia todos os seres humanos de uma única maneira. É preciso refletir sobre o processo educacional, em especial sobre a forma de avaliar:

O que se precisa questionar são os princípios que fundamentam as práticas avaliativas, como: comprometimento dos educadores e das escolas com os juízos de valor emitidos e as decisões que tomam em relação às possibilidades e necessidades de cada aluno, o respeito às diferenças e à permanência do aluno na escola, como um direito constitucional. (ARROYO, 1995, p. 94).

Na escola as diferenças individuais muitas vezes são esquecidas e os alunos são moldados, principalmente na hora de uma avaliação quantitativa. Percebe-se que a experiência de vida e os sentimentos do educando nem sempre são considerados, causando grande descontentamento e desmotivação que os levam, muitas vezes, à evasão. Todo processo educativo está aberto a mudanças, e por ser flexível e incompleto apresenta várias possibilidades para melhor se adequar ao momento histórico.

No contexto histórico-social da educação muitas são as referências bibliográficas que nos permitem a aproximação do passado até os dias de hoje. Trazem-nos uma complexa literatura sobre desenvolvimento humano desde a infância até a vida adulta. Na leitura muitas dificuldades perpassam deixando pairar desafios em nossa mente. A educação representa um elo entre o saber, o pensar, o conhecer e o aprender. Um processo através do qual as pessoas obtêm capacidade de distinguir a relatividade de sua posição política e econômica na sociedade e que, ao mesmo tempo, saibam como se articular no meio em que vivem, através da aquisição do conhecimento.

Pretendeu-se, como objetivo norteador deste estudo, diagnosticar as verdadeiras causas do abandono escolar na escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora das Graças, localizada em Caçapava do Sul e também fazer uma análise da estreita relação entre a repetência e a evasão e as mesmas com o ensino que está sendo oferecido e o profissional que nele atua.

Num primeiro momento descreveu-se os dados sobre a escola na qual realizou-se um estudo de caso através de uma coleta de dados do número de alunos matriculados, repetentes e evadidos entre os anos de 2000 a 2004, utilizou-se também a aplicação de questionários. A seguir descreveu-se as respostas dos questionários aplicados a alunos e profissionais que trabalham na educação; nestes, destaca-se a importância do relacionamento interpessoal professor-aluno.

Num segundo momento relata-se a evasão no Brasil e alguns fatores que a desencadeiam na escola em questão. O estudo discorre ainda sobre o desenvolvimento social, cognitivo e afetivo, pois para o educando é importante que os conteúdos sejam significativos. Só então compreenderá melhor e passará a avaliar essas atividades com maior significado, as quais se tornarão compensadoras para ele, pois o conhecimento só se dará quando este fizer a diferença na sua vida social.

Num terceiro momento descreveu-se a educação que temos e a que queremos e esta no contexto social, político, econômico e cultural e as principais influências de pensadores como Paulo Freire, Ruben Alves e outros, que tomaram como preocupação primeira a educação das classes populares no Brasil. Tal merecimento por parte desses pensadores se fez não só pelo reconhecimento da importância da educação para a conquista da cidadania como também devido a atual conjuntura econômica, pois o novo modelo de desenvolvimento mundial requer das nações uma população instruída, preparada para inserção na economia globalizada.

O quarto momento refere-se ao surgimento das escolas, a quem estas se destinavam, as mudanças que lhe foram atribuídas e o seu novo papel frente às diversidades que se apresentam nesse milênio. Sabe-se da necessidade da escola em adaptar-se ao contexto atual e com isso precisa mudar sua “cara”¹ transformando o homem para que possa atuar na sociedade, não só para acompanhar as exigências técnico-científicas, mas também um verdadeiro cidadão comprometido com o aspecto social e com o político.

Num quinto momento fez-se referência aos professores, sua formação e o novo perfil deste profissional para auxiliar a enfrentar a crise sofrida pela educação.

É fundamental que seja dada uma continuidade aos estudos aqui refletidos e que, com certeza, muitas outras contribuições serão necessárias para que o quadro da evasão possa ser revertido.

¹ Grifo do autor.

CAPÍTULO I

1. EVASÃO E REPETÊNCIA: LEVANTAMENTO DE DADOS NA ESCOLA PARA UMA MELHOR COMPREENSÃO

Realizou-se um estudo de caso em Caçapava do sul, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora das Graças, localizada à rua Luis Coelho Leal, 814, Vila Sul; a mesma fica na periferia da cidade e possui uma clientela com baixo poder aquisitivo. Sua filosofia é “Comunidade escolar unida e atuante preparando cidadãos responsáveis”. Através desta busca integrar toda a comunidade escolar para que unidas possam desenvolver as atividades que acontecem no decorrer dos anos letivos e juntas responsabilizem-se pela formação de cidadãos aptos a agirem e modificarem suas realidades. Atualmente a escola funciona em 3(três) turnos e conta com um número de 934 (novecentos e trinta e quatro) alunos, 72(setenta e dois) professores, 4(quatro) vigilantes, 12(doze) funcionários, todos coordenados pela Equipe diretiva composta por 7(sete) professores. Todos os professores possuem curso superior, destes 5(cinco) são pós-graduados e 11 são pós-graduandos. Alguns dos docentes ainda trabalham com o método tradicional de ensino, onde repassam o conteúdo ao aluno, mas a grande maioria dos professores já trabalha de uma maneira a levar os alunos a construir seu próprio conhecimento.

Esta escola é composta por 28(vinte e oito) turmas e o número de alunos em cada uma varia bastante ficando entre 20(vinte) e 40(quarenta), de acordo com o tamanho das salas, exceto as turmas de EJA que são bem menores. As turmas são distribuídas em séries, sendo 2(duas) de Educação Infantil, 2(duas) de 1ª série, 2(duas) de 2ª série, 2(duas) de 3ª série, 2(duas) de 4ª série, 5(cinco) de 5ª série, 5(cinco) de 6ª série, 3(três) de 7ª série, 3(três) de 8ª série e duas turmas de EJA (Educação de Jovens e Adultos). O número de 5ª série é bem maior em função desta escola ser a única neste local da cidade (Vila Sul) que possui ensino fundamental completo, já o número de 6ª série é bastante elevado em função de dois fatores; primeiro para fornecer vagas para os alunos vindos da série anterior e segundo porque o número de repetência encontrado nas turmas de 5ª e 6ª séries é sempre o maior da escola. Acredita-se que este fato aconteça porque os alunos vêm de outras escolas e demoram um pouco a se adaptarem as mudanças sentidas em uma escola maior e com professores diferentes para cada disciplina, já que as séries iniciais são unidoscentes, onde existe um único professor para trabalhar com todas as disciplinas.

Frente à realidade desta escola foram coletados dados para comprovação e aprofundamento do estudo em questão, estes buscam explicitar a realidade local e contribuir com a comunidade no enfrentamento de uma questão social ainda presente em nossa sociedade: o abandono escolar e a ausência de políticas públicas que dêem conta de resolver o problema, principalmente nas camadas mais pobres. A pesquisa tem por objetivo detectar a evasão escolar de

crianças, adolescentes e adultos da Escola Municipal Nossa Senhora das Graças. Quanto aos alunos, tem como objetivo proporcionar aos mesmos a vivência do processo de conhecimento sensível da realidade social; possibilitando, através da experiência da observação e aproximação a compreensão da realidade e o conhecimento das formas de enfrentamento desta questão, já para os educadores as pesquisas contribuem para construção de uma nova realidade que leve à melhoria da qualidade do ensino.

Realizou-se um levantamento do número de alunos matriculados, reprovados e evadidos nos últimos quatro anos na escola municipal em questão, conseguiu-se coletar na SMEC (Secretaria Municipal de Educação e Cultura) os seguintes dados em dezembro de 2004.

Anos	2000	2001	2002	2003
Matriculados	826	765	817	883
Reprovados	190	156	325	231
Evadidos	123	126	166	106

Na análise dos dados coletados percebe-se que em relação ao número de alunos matriculados, o índice de reprovação e abandono oscila muito, mas é bastante significativo principalmente nos anos de 2002 e 2003. Estes números preocuparam tanto a escola, como comunidade e Secretaria Municipal de Educação e Cultura, houve

uma reunião com todos os envolvidos e detectaram que a possível causa seria o tipo de avaliação utilizado no decorrer daquele ano letivo que foi o da utilização de uma média aritmética dos bimestres e os alunos teriam que atingir no final a média 6,0. Resolveram fazer modificações no regimento e adotar a avaliação somativa para diminuir o índice de reprovações e abandono escolar.

Nesta escola a cada início de ano letivo detecta-se um número bastante elevado de matrículas, ficando as salas de aulas lotadas. A partir do segundo semestre este número encontra-se bastante reduzido e ao término dos anos letivos, é alarmante o número de evasões. Frente a esta realidade faz-se necessário um conhecimento das principais causas que levam à “evasão escolar” e busca de possíveis alternativas para amenizar este sério problema.

1.1. Metodologia Aplicada

A metodologia adotada para a realização dessa pesquisa é qualitativa-descritiva e interpretativa, fundamentada em entrevistas aplicadas a discentes e profissionais da educação com idade e funções diferenciadas. De acordo com Minayo:

A pesquisa qualitativa não se baseia no critério numérico para garantir sua representabilidade. Uma pergunta importante neste item é “quais indivíduos sociais têm uma vinculação mais significativa para o problema a ser investigado?” A amostragem boa é aquela que possibilita abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões. (MINAYO, 1994, p.43)

Utilizou-se como instrumento a entrevista semi-estruturada baseada em Lüdke e André, pois dizem que: “nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que eles detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.33). Suas idéias são complementadas por Triviños quando diz que: “...é aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam a pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante” (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

Através destas citações pode-se afirmar que a utilização de entrevistas possibilita captar com maior precisão não só a resposta expressa, mas também mensagens ocultas. As informações obtidas foram submetidas à análise, visando compreender a realidade através da descrição e interpretação das mensagens. Segundo Moraes, tal procedimento “ajuda a reinterpretar as mensagens e atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum” (MORAES, 1999 p. 9).

Toda interpretação requer uma leitura que jamais será neutra, pois se constitui sempre em informações que vêm carregadas de sentidos. Ainda conforme Moraes:

A análise de conteúdo constitui-se de um conjunto de técnicas e instrumentos empregados na fase de análise e interpretação de dados de uma pesquisa, aplicando-se de modo especial ao exame de semelhantes, com a finalidade de uma leitura crítica e aprofundada, levando à descrição e interpretação desses materiais, assim como a interferência sobre suas condições de produção e recepção (MORAES, 1995, p.104).

A leitura e releitura das informações possibilita estabelecer as unidades de análise, buscando atingir a compreensão das respostas obtidas. Para conhecer a maneira de pensar das pessoas que fazem parte da realidade da escola em pauta foram realizados dois questionários: um para os profissionais que nela atuam (professores e equipe diretiva) e outro para os alunos, num total de dez entrevistados em cada modalidade.

Não houve nenhuma resistência em respondê-los, ao contrário, todos se mostraram interessados pelo assunto, os alunos sentiram-se importantes por perceberem que não só fazem parte da escola como também podem dar suas opiniões e ajudar para que mudanças aconteçam.

Os participantes desta pesquisa foram professores, alunos e equipe diretiva da Escola Nossa Senhora das Graças, da rede municipal de ensino fundamental de Caçapava do Sul, que receberam os instrumentos em anexo para análise e posterior exposição de suas opiniões. Para preservar a identidade das mesmas escreveu-se a letra “p” para representar os profissionais da educação (professores e equipe diretiva) e “a” para representar os alunos.

As entrevistas recolhidas foram lidas atentamente e as respostas foram transcritas para este trabalho em forma de texto, destacando algumas considerações feitas pelos envolvidos; primeiramente faz-se referência às considerações feitas pelos profissionais da educação e na seqüência encontram-se as respostas dos alunos.

1.2. Visão dos profissionais da educação frente à entrevista

Ao analisar a pergunta “Quais as causas da evasão escolar?” alguns profissionais da educação entrevistados, mediante as imensas e contínuas transformações que vivemos hoje, posicionaram-se da seguinte forma:

“Muitos alunos param de freqüentar a escola porque não recebem estímulo dos familiares, estes são os maiores culpados”(p1).

“Na sua grande maioria os alunos param de estudar porque precisam trabalhar para auxiliar na renda familiar e acabam não dispondo de tempo para o estudo”(p2).

“Considero que seja pela falta de modernização da escola frente às tecnologias, pois o aluno não se sente atraído e estimulado a aprender” (p7).

“Alguns alunos não têm aspirações de continuar os estudos, consideram que sabendo ler e escrever já estão prontos para ingressar no mercado de trabalho, mas esquecem que atualmente as mudanças técnico-científicas são imensas e não conseguiriam acompanhar o seu progresso”(p9).

“Muitos desistem por não gostarem de estudar, permanecendo na escola somente até a idade em que são obrigados por lei” (p10).

Os demais se posicionaram de forma semelhante, dizendo que as causas são inúmeras, vão desde falta de transporte escolar, de vestuário adequado, necessidade de trabalhar para complementar a renda familiar, falta de interesse das famílias e dos próprios estudantes, até currículos inadequados que não vêm de encontro nem aos interesses dos estudantes e muito menos às exigências que a evolução global nos trás.

Dentre as citações não aparece à reprovação que é uma das causas da evasão e foi tão alarmante nos anos de 2002 e 2003 na escola, o que mostra que a mesma não recebe o destaque necessário, sendo considerada normal e quase inevitável. Através de um trabalho de pesquisa e coleta de dados como esse é que se percebe que os profissionais da educação estão utilizando uma prática de exclusão onde o discurso de profissionais reflexivos ainda não faz parte da prática de muitos docentes e mostrando que se faz necessário um verdadeiro despertar, para que uma educação emancipadora e de responsabilidade aconteça.

Na segunda pergunta “Na sua opinião o que é preciso para que o aluno sintasse motivado a ir à Escola?” as respostas foram praticamente unânimes, pois todos acreditam que para que o aluno sintasse motivado a frequentar a escola essa deve estar próxima a sua realidade, seus currículos devem não mais satisfazer o interesse de uma pequena minoria e sim estarem voltados às necessidades que o mundo em constantes mudanças requer. Destacam-se as respostas dos professores: (p3, p8 e p9) respectivamente:

“Que a escola cumpra seu compromisso principal que é preparar o aluno para a vida, prepará-lo para enfrentar um mundo onde predomina a competição desenfreada, só assim o aluno resgatará o interesse em continuar freqüentando a escola e transformando as informações em conhecimentos produzidos para uma melhoria significativa, capaz de auxiliar na transformação de sua realidade social”.

“Se a escola parar de apenas repassar informações e transmitir conteúdos e contribuir para o desenvolvimento social e cultural, preocupando-se com o lado humano o aluno sentir-se-á como parte integrante e passará a assumir mais responsabilidades com naturalidade e interesse visando com isto uma melhora qualitativa no seu desempenho e de todo o contexto”.

“Que os conteúdos a serem trabalhados possam ser preparados de maneira a despertarem o interesse dos alunos, fazendo uma relação com a realidade em que estão inseridos; o aluno deve sentir-se importante, valorizado e atuante, capaz de construir o seu conhecimento”. Estes profissionais enfatizam o compromisso que a escola e a família possui em formar um cidadão que não se omita, seja capaz de viver e enfrentar positivamente o mundo e que utilize para isso a transformação dos conteúdos e conhecimentos adquiridos.

Em resposta a última pergunta “O que poderia ser feito para reverter o índice de Evasão na escola em que atua?” Foram várias respostas obtidas, mas todas apontavam maneiras para tentar minimizar o problema como: maior comprometimento da família nos estudos dos filhos, pois acreditam que a mesma está fugindo a sua responsabilidade e colocando a escola como sendo a única

responsável e por vezes vilã caso o resultado dos filhos não seja favorável no término de cada ano letivo. Particularmente sobre a escola na qual atuam acham que a intervenção precisa ser rápida e pode começar por aulas mais atraentes, reuniões periódicas com toda comunidade escolar envolvida para que uma nova mentalidade se forme onde todos busquem soluções viáveis e compatíveis com as necessidades que surgem. Tudo isto pode ser comprovado através das respostas dos professores (p1, p4, p7 e p9):

“Proporcionar situações para que o aluno freqüente regularmente o ano letivo, organizando eventos, projetos, dentre outras coisas, nas quais ele seja o elo principal para o bom funcionamento, tornando-se ativo e dinâmico, para isto os professores precisam estar comprometidos e dispostos a transformar o simples repassar informações em ensino de qualidade”.

“...é difícil manter nossos alunos na escola, pois quando procuramos ajuda da família esta se esquivava dizendo não ter tempo para acompanhá-los devido ao trabalho ou então porque não podem mais com suas vidas; não conseguem mais impor nem ao menos limites”.

“...se as aulas forem dinâmicas e atraentes já estaremos contribuindo para que nossos alunos sintam-se motivados a freqüentar a escola e permanecer nela”.

“O professor precisa estar atento às coisas do seu tempo, necessita fazer com que o conhecimento seja significativo à realidade que está sendo vivida, pois para que seu aluno permaneça ou

retorne à escola, precisa aprender a lidar com o hoje e projetá-lo para um novo futuro, rumo a um progresso com menores diferenças sociais”.

Nestas respostas percebe-se que tanto a família quanto a escola muitas vezes estão fugindo as suas responsabilidades dificultando ainda mais a permanência do aluno. Necessita-se que as famílias estejam comprometidas com a educação de seus filhos; já os profissionais que atuam na educação devem estar abertos a mudanças e receptivos às inovações que constantemente se apresentam, devem ser gestores de uma nova concepção de ensinar e aprender com vistas ao progresso e às diferenças que cada ser humano apresenta.

1.3. Percepção dos alunos sobre a realidade escolar

Do total de alunos que responderam à primeira pergunta, 20% disseram que só estão na escola porque os pais obrigam, não possuem perspectiva de futuro e pretendem abandoná-la no momento em que os pais não mais conseguirem obrigá-los a frequentá-la.

“Venho para a escola porque sou obrigado, se fico em casa o conselho tutelar vai me buscar e sou obrigado a voltar” (a 3).

“O que eu gosto mesmo é de ficar jogando vídeo game com meus amigos, sem meus pais descobrirem é claro, senão ou me obrigam a vir estudar ou tenho que trabalhar ajudando em casa e o que é pior, ouvindo sermões” (a 6).

Já os 80% restantes acreditam que é somente através da escola que poderão ter uma chance de um futuro mais digno, principalmente porque pertencem a uma classe econômica menos favorecida.

“Não gosto muito de estudar, o que gosto mesmo é de vir para a escola encontrar com os colegas, mas sei que sem estudo não vou conseguir nada na vida” (a 1).

“Além de ser obrigado a vir para a escola pelos meus pais e Conselho Tutelar, sei que preciso estudar para conseguir um emprego bom para ajudar lá em casa” (a 2).

“Venho para a escola porque é importante, senão como vou ser alguém na vida?” (a 4).

“Eu sim, senão não vou conseguir me formar e nem conseguir um emprego” (a 5).

“Sim, muito” (a 7).

“Meus pais sempre dizem que o estudo é tudo que eles tem pra me deixar, já que eu não trabalho e não faço nada, tenho que estudar” (a 8).

“Considero, pois ele abre muitas portas para o futuro da gente” (a 9).

“Gosto de estudar, só não gosto quando tem prova, elas atrapalham a vida da gente” (a 10).

Nestas respostas observa-se claramente que o estudo é visado pela maioria dos alunos somente como ponte para ingressar no mercado de trabalho, enquanto deveria ser uma maneira prazerosa de aprender a aprender e de modificar a própria realidade.

Fundamenta-se aqui a verdadeira necessidade de mudança na educação e a importância dos professores estarem atualizando-se. A formação de professores é, hoje, uma preocupação constante para aqueles que acreditam na necessidade de transformar o quadro educacional presente, pois da forma como ele se apresenta fica evidente que não condiz com as reais necessidades dos que procuram a escola com o intuito de aprender o saber, para que, de posse dele, tenham condição de reivindicar seus direitos e cumprir seus deveres na sociedade.

O professor é a peça chave desse processo devendo ser encarado como um elemento essencial e fundamental. Quanto maior e mais rica for sua história de vida e profissional, maiores serão as possibilidades dele desempenhar uma prática educacional consistente e significativa. Sobre esse assunto, Nóvoa (1992) afirma que não é possível construir um conhecimento pedagógico para além dos professores, isto é, que ignore as dimensões pessoais e profissionais do trabalho docente. Não se quer dizer, com isso, que o professor seja o único responsável pelo sucesso ou insucesso do processo educativo. No entanto, é de suma importância sua ação como pessoa e como profissional. Educar não se limita a repassar informações ou mostrar apenas um caminho, aquele caminho que o professor considera o mais correto, mas é ajudar a pessoa a tomar consciência de si mesma, dos outros e da sociedade. É saber aceitar-se como pessoa e saber aceitar os outros. É oferecer várias ferramentas para que a pessoa possa escolher entre muitos

caminhos, aquele que for compatível com seus valores, sua visão de mundo e com circunstâncias adversas que cada um irá encontrar.

Em resposta à segunda pergunta enumeraram alguns fatores:

- falta de transporte ou péssimas condições dos mesmos; alguns vêm da zona rural;

- falta de merenda escolar, principalmente para o noturno;

- professores despreparados para lidarem com alunos tão heterogêneos;

- aulas cansativas, com conteúdos distantes da realidade que o aluno está inserido;

- necessidade de trabalhar para manterem a sobrevivência.

Aqui a resposta de dois alunos chama a atenção:

“Não me esforço muito porque sei que não vou poder estudar depois de terminar a 8ª série, meu pai diz que preciso” (a 4).

“Não quero passar de ano, senão vou ter que começar a trabalhar, minha mãe disse que não preciso de tanto estudo, que é o trabalho que vai me ajudar na vida” (a 8).

Eles sentem-se desanimados e esclarecem que não se esforçam nos estudos porque não possuirão condições de concluírem as séries seguintes já que seus pais os avisaram que precisam mesmo é trabalhar para se sustentar e ajudar na renda familiar. Onde não há o incentivo da própria família o desafio encontrado pelos educadores é ainda maior, por isso é preciso que toda comunidade escolar esteja unida e engajada pelo mesmo ideal.

Na última pergunta todas as respostas convergem para um mesmo significado.

“Os professores não devem se preocupar só em dar matéria tem que conversar com a gente e tentar nos entender, às vezes não deixam nem a gente falar” (a 1).

“Tem aulas que eu não gosto de assistir, só o que os professores fazem é ditar matéria e marcar prova, se as aulas fossem um pouco diferentes o tempo passaria mais rápido e não seria tão cansativo” (a 5).

“...tem alguns professores que são bem legais e a aula deles é boa da gente assistir, outros deveriam estar aposentados e bem longe da escola” (a 6).

“Gosto de alguns professores porque são legais, mas não gosto da matéria deles porque são chatas e explicadas sempre da mesma maneira, se tentassem modificar ia ser melhor” (a 10).

De acordo com os alunos quando existe um professor amigo e orientador da aprendizagem, que sabe conviver com as diferenças e torná-las naturais, todo convívio passa a ser mais agradável e faz com que a aprendizagem se torne prazerosa e cumpra um de seus papéis que é o de conviver harmoniosamente em sociedade seja ela dentro ou fora da escola.

CAPÍTULO II

2. EVASÃO NO BRASIL

A história do Brasil tem sido uma história de perdas, de exclusões e de manutenção dos privilégios de minorias. A herança que as crianças e os jovens, hoje a maioria da população, recebem dessa história caracteriza-se pela opressão, pela carência, pelo descrédito e ausência de perspectivas. A política de desobrigação do Estado com a educação pública, gratuita e de qualidade cada vez mais vem excluindo crianças, jovens e adultos da escola e aprofundando as desigualdades sociais.

As famílias esforçam-se para manter seus filhos nas escolas, mas segundo Mello: “... os alunos ano a ano defrontam-se com o fracasso e acabam por incorporá-lo em sua vida” (Mello, 2000, p 45). Esse fracasso dizima a auto-imagem dos alunos e a esse acontecimento não se dá a importância merecida e necessária e acaba sendo considerado normal à formação ou deformação de gerações e gerações de crianças e jovens.

Acredita-se que a escola pode ajudar a integrar ou diminuir a exclusão de todos ao avanço tecnológico vivenciado, mas para isso primeiro é preciso verificar a distância que o ensino nela oferecido se encontra dos objetivos exigidos pelo mundo atual. As políticas de expansão quantitativa da escolaridade obrigatória adotada a partir das

décadas de 70 e 80, ampliaram de maneira visível o acesso à escola, com base no princípio da democratização das oportunidades, mas jamais demonstraram preocupação com a qualidade do ensino oferecido.

Aumentou indiscriminadamente o número de escolas existentes e com isso também o número de profissionais incorporados aos sistemas de ensino. Junto a este crescimento quantitativo desordenado crescem também os problemas no setor da educação, pois incorpora a ela o “fracasso escolar”² onde os alunos são considerados os únicos culpados por possuírem baixa renda e suas famílias não valorizarem a escola. Esta afirmação é facilmente desmentida, pois os números de anos de permanência na escola vêm aumentando e de acordo com as estatísticas até mesmo os alunos desistentes o fazem depois de muito tentar permanecer e não conseguirem perseverar. Isso é confirmado por Mello ao dizer que:

Os anos de permanência na escola vêm aumentando significativamente no Brasil, ou seja, a população tem mais anos de escolaridade. Mas isso não significa uma trajetória escolar sem acidentes. Mesmo os alunos que abandonam a escola tendem a fazê-lo após várias repetências, indicando que, apesar de condições de vida adversas, a população faz um grande esforço para manter-se na escola. (MELLO, 2000, p. 47).

² Grifo do autor.

Para tentar reverter esta realidade é preciso que a escola não negue sua função como instrumento de transformação social repensando sobre o aprendizado que não se dá de maneira uniforme, explorando os diferentes saberes e a individualidade de cada um, desencadeando assim a motivação para prosseguirem os estudos.

Uma grande conseqüência do crescimento quantitativo e desqualificado das escolas foi o inchaço do ensino fundamental com alunos que já poderiam estar concluindo as séries finais do ensino médio. A distorção na distribuição das matrículas por níveis de ensino justifica uma política de investimento em construção de edifícios escolares nas regiões onde a repetência é maior, porém sem perceberem que estão construindo escolas para abrigar os números do fracasso sem uma preocupação com o ensino que ocorrerá dentro delas, este tipo de atitude pode interessar aos políticos, mas não à sociedade que busca continuamente sua inclusão no novo padrão de desenvolvimento.

O maior mal causado pelo fracasso escolar é aquele em que o aluno incorpora a sua própria vida à incapacidade de pensar e agir, afetando sua auto-imagem e acreditando ser incapaz de participar do desenvolvimento do mundo que o cerca. De acordo com pesquisas e constatações é possível perceber que o acesso ao ensino fundamental está praticamente universalizado, o que acontece é a distorção idade-série devido ao grande número de repetências ocorridas. A educação, segundo estabelece a Constituição de 1988 (arts. 205 e 227), é um direito público subjetivo que deve ser assegurada a todos,

através de ações desenvolvidas pelo Estado e pela família, com a colaboração da sociedade.

Sabe-se que grande parte da população jovem de cada geração tem cesso à escola em alguma fase de sua vida. Alguns concluem seus estudos e muitos outros desistem após inúmeras tentativas sem conseguir resultados favoráveis. Isso pode ser fruto da incapacidade do sistema escolar em fazer o aluno progredir, ou ainda da falta de estratégias para que o mesmo permaneça. Existem vagas suficientes para que a universalização do ensino fundamental aconteça. O que se faz necessário e urgente é dar qualidade ao ensino e enfrentar de frente a repetência.

Com isso surge uma indagação inquietante: “O que significa uma vaga na escola brasileira hoje?” A resposta é mais inquietante ainda, pois para muitas crianças significa um atendimento programado para o fracasso, já que lá encontrarão professores mal pagos, com jornadas encurtadas para amenizar os baixos salários; o despreparo de alguns profissionais para lidarem com alunos heterogêneos e com os problemas que estes trazem; a sua formação inadequada. Alguns desses problemas poderiam ser amenizados com um projeto político pedagógico eficiente que contemplasse qualidade e viabilidade.

Apesar da existência de uma vaga no ensino, esta se insere num contexto de desorganização e num padrão de gestão segmentada e descontínua, fazendo com que ninguém se responsabilize ou se preocupe se os alunos estão ou não aprendendo.

Muitos alunos, principalmente de classes menos favorecidas, apesar de terem acesso à escola e nela permanecerem alguns anos, nem sempre conseguem concluir seus estudos, e quando o fazem possuem uma formação que está a séculos de distância do que a revolução tecnológica e o exercício consciente da cidadania exigem. Frente a esta realidade é visível a necessidade de uma reestruturação em todo o sistema de ensino, para que a educação realmente se transforme no eixo da transformação produtiva com eficiência e a tão almejada qualidade. A educação não tem sido plena no que se refere ao alcance de todos os cidadãos, assim como no que se refere à conclusão de todos os níveis de escolaridade, o que se vê é que cada vez mais a evasão escolar vem adquirindo espaço nas discussões e reflexões realizadas pelo Estado, em particular, pelas organizações e movimentos relacionados à educação no âmbito da pesquisa científica e das políticas públicas.

A evasão escolar é um problema complexo e se relaciona com outros importantes temas da pedagogia, dentre eles a reprovação, o currículo e as disciplinas escolares. Para combatê-la, portanto, é preciso atacar em duas frentes: uma de ação imediata que busca resgatar o aluno evadido e outra de reestruturação interna que implica na discussão e avaliação das diversas questões enumeradas acima.

Dentre essas causas que contribuem para os baixos níveis de escolaridade está, além da falta de qualidade das escolas, o baixo poder aquisitivo da população. Mas, não poderíamos falar em evasão sem que houvesse uma preocupação com a repetência e a avaliação, pois é através das mesmas que conseguimos detectar onde está a falha

do aluno, do professor e de todo o sistema. segundo Arroyo: “o que se precisa é analisar as fontes e a natureza da evasão escolar e da repetência, é analisar a própria missão das escolas, sua qualidade, seus conflitos e seus resultados” (ARROYO, 1995, p.94).

A escola, enquanto local de socialização do educando, deve ter uma ação pedagógica envolvendo práticas que desencadeiem uma ação mediadora eficaz e aberta. Deve-se também, neste contexto, rever a prática avaliativa nas escolas à qual vem sendo criticada por não respeitar as diferenças individuais dos educandos, pois cada indivíduo é único e portanto protagonista de seu saber.

Sabe-se que as causas da evasão escolar no Brasil são inúmeras, vão além do educando, educador e família e chegam a um sistema de ensino voltado ao capitalismo. Para os especialistas e os estatísticos, a evasão é um indicador claro da não funcionalidade e da ineficiência interna do sistema escolar. Para a sociedade em geral, e a comunidade educacional em particular, a evasão é aceita como algo natural, como um componente inerente e que por vezes parece inevitável na vida escolar.

A sociedade deve discutir e organizar-se para intervir nessa situação, bem como construir propostas concretas em oposição às que os sucessivos governos, cada vez mais privatistas, vêm implementando ou tentando implementar. Tais propostas deverão constituírem-se num projeto político-pedagógico para a educação brasileira pautado na ética e na participação democrática.

CAPÍTULO III

3. EDUCAÇÃO QUE QUEREMOS: UMA MUDANÇA A SER CONSTRUÍDA

Sabe-se desde os mais remotos tempos que a educação inicia-se com o nascimento e perpetua-se por toda a vida. De certa forma, pode-se falar de educação também em relação a certos animais, que ensinam os filhotes recém-nascidos a se adaptarem ao meio mais rapidamente do que o permitiriam seus condicionamentos genéticos. Mas, é na espécie humana que se efetua um longo e complexo processo educativo, sem o qual o indivíduo não poderia sobreviver numa sociedade que transformou radicalmente as condições naturais de vida e que exige dele comportamentos muito superiores àqueles que são determinados pelos instintos.

A aprendizagem inicial é oferecida pela família, pois segundo a LDB 9394/ 96, esta é a primeira educadora (1996, p. 14). Ela pode apresentar formas muito diversas de acordo com a sociedade em que esteja inserida, sendo a educação no seio familiar encaminhada de formas muito distintas. Porém, é possível dizer que, em quantas sociedades humanas existam ou tenham existido, os núcleos familiares sempre foram o primeiro passo de incalculável importância em direção à socialização da criança, ou seja, na transformação de um ser

que ao nascer é regulado pelos instintos em membro participante de uma comunidade.

Com a família a criança aprende os rudimentos de uma linguagem que estruturará seus conhecimentos e sua maneira de pensar. A procura constante de saber mais e com integrações maiores, mais complexas de conhecimentos como a própria escola consolida dia-a-dia uma inteligência capaz de exercitar-se contra a discriminação de qualquer plano ou modalidade de idéias e de propostas que venham a ferir qualquer dimensão dos direitos humanos, a começar pelo direito à diferença.

Alves, em seu livro *Alegria de Ensinar* (1994), nos diz que desde que nascemos somos transformados pela linguagem. Ele fala da história do príncipe que, de tanto ouvir que ia virar sapo, acabou enfeitiçado e virou um sapo. E é isto que nós, professores, fazemos com os nossos alunos. Feitiço existe. "Feitiço é quando uma palavra entra no corpo e o transforma. O príncipe ficou possuído pela palavra que a bruxa falou. Seu corpo ficou igual à palavra" (ALVES, 1994, p. 33).

Essa metáfora pode ilustrar o papel do professor, já que analisando esta concepção pode-se perceber que o sucesso pedagógico vai depender também da postura do educador enquanto mediador do processo didático-pedagógico podendo ou não contribuir para uma aprendizagem rica e significativa. Temos que repensar o papel deste

profissional na formação do homem no contexto atual. Precisamos formar mais príncipes e menos sapos.

A educação é o processo através do qual os indivíduos desenvolvem suas condições humanas autoconscientes, pois somente esta permite a cada um aprender a utilizar os seus saberes para atuar com todos os seus poderes, funcionando completa e harmoniosamente em relação à natureza e à sociedade. Isso implica tanto a evolução individual quanto a universal.

O ser humano é essencialmente dinâmico e produtivo, e não meramente receptivo. O homem é uma força autogeradora e não deve ser considerado como uma esponja que simplesmente absorve conhecimento do exterior, mas sim os incorpora e os transforma. A educação é essencial para o aumento da produtividade individual, pois acresce à capacidade de desempenhar tarefas normais, de processar, de utilizar informações e de adaptar-se às novas tecnologias.

De acordo com Freire “A educação é um gesto poético: criar a experiência da beleza e da busca do sentido a cada dia – a educação é uma experiência de realização de desejos e deve ser um bem e uma alegria a cada instante”. (FREIRE, 1995, p.36).

Educar significa promover ao ser humano o desenvolvimento de condições essenciais que o capacitem a superar desafios, a conviver dentro de condições favoráveis ou adversas, a ser capaz de superar-se a cada dia e produzir transformações, é processo constante de aprimoramento da condição humana de viver e conviver na sociedade, no mundo, concretizando-se ao longo da vida e a todo o instante, por força das próprias circunstâncias.

A educação acontece também de forma intencional, na relação professor-aluno, onde se procura com maior intensidade atingir melhores níveis de aperfeiçoamento humano.

Ensinar é sublime, pois se destina a transformar o homem, é uma ação do professor no aluno tornando-o diferente do que era antes. Ensinar pressupõe conteúdo a ser transmitido, e eles são postos pela própria natureza. O conhecimento que temos da natureza serve de modelo para a exploração e conhecimento de nós próprios. Mas não é a natureza "natural" o exemplo a ser imitado, mas a natureza "social". Sua proposta pedagógica dirige-se, sobretudo à razão humana, convocando-a a assumir uma atitude de pesquisa diante do universo e de visão integrada das coisas.

Deste modo, enfatizamos o pensamento de Morais que diz: “Ensinar é algo que nasce em um compromisso de vida, de uma paixão pelo saber e de um gosto pelos encontros humanos” (MORAIS, 1986, p. 32).

É preciso criar maneiras diversificadas capazes de despertar no educando o prazer de aprender utilizando a bagagem de conhecimentos que ele no decorrer de sua vida veio interiorizando através da interação com o outro e com o meio.

A educação, fascinada pelo conhecimento do mundo, esqueceu-se de que sua vocação é despertar o potencial único que jaz adormecido em cada estudante. Daí o paradoxo com que sempre nos defrontamos: quanto maior o conhecimento, menor a sabedoria. T.S. Eliot fazia esta terrível pergunta, que deveria ser motivo de meditação para todos os professores: Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento? (ALVES, 1994, p 19).

Esta citação nos reporta à reflexão de que muitas vezes o conhecimento adquirido é ignorado e nos tornamos ecos das receitas já ensinadas e aprendidas, ficando incapazes de pensar coisas diferentes. A educação escolar tem outra finalidade que não a de transmitir conhecimentos, cabe-lhe lutar pela continuidade dos valores e princípios de liberdade, criatividade, do direito à manifestação à expressão e a igualdade de oportunidades. Pois, de acordo com Freire,

A educação se faz no contexto histórico e cultural. É por isto que ela não pode ser neutra, não há, nem vai haver neutralidade educacional. Uma das conseqüências da invenção da existência foi à impossibilidade da neutralidade na criação. (FREIRE, 1995, p.14).

Educar é um trabalho político através da cultura e, na dimensão em que ela se realiza como educação, onde sujeitos críticos, criadores de sua vida social e, portanto, da dimensão política da história que partilham, aprendem contínua e criticamente a se recriarem, enquanto partilham com outros, a produção de seus próprios mundos.

Os sistemas educativos encontram-se em crise a qual pode ser percebida frente aos altos índices de analfabetismo, evasão, repetência e desigualdades de oportunidades que ainda persistem.

As diretrizes que fundamentam a agenda das políticas educacionais de alguns países enfatizam a necessidade de priorizar a educação, no investimento e orçamento públicos como instrumento

fundamental do crescimento econômico. A deteriorização das condições econômicas e sociais dos países é consequência da crise da educação, que passa a responsabilidade às próprias escolas. Acrescenta-se a esses problemas a crise dos sistemas de ensino que, ao invés de abrirem oportunidades no mercado de trabalho, reproduzem e aumentam as desigualdades econômicas e sociais.

A educação, à medida que não é igualitária insere-se numa lógica mercadológica, sendo assim é encarada como um produto de consumo, a qual se compra de acordo com o poder aquisitivo de cada um. A Educação é uma necessidade social, todos os indivíduos precisam ser educados para que se assegure a continuidade social.

A educação deve ajudar-nos a descobrir valores perenes, para que não nos apeguemos a fórmulas ou à repetição de slogans; deve ajudar-nos a derrubar barreiras nacionais e sociais. A mais alta função da educação consiste em constituir um indivíduo integrado, capaz de entrar em relação com a vida como um todo.

Educar consiste em ajudar o indivíduo a tornar-se um ente amadurecido e livre para florescer ricamente em amor e bondade. A educação é um ato social de troca de influências, onde todos se relacionam por meio de um processo de ensinar, transformar e aprender, esta deve garantir além das condições de competitividade desejadas pelo capitalismo globalizado, a eficiência, solidariedade e valores como justiça e respeito às diferenças.

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios”, a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência espacializada mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência intencionada ao mundo (FREIRE, 1987, p. 67).

Deseja-se, portanto, uma educação de qualidade. Aquela mediamente a qual a escola promove, para todos, o domínio dos conhecimentos e o desenvolvimento das capacidades cognitivas e afetivas indispensáveis ao atendimento de necessidades individuais e sociais dos alunos, bem como a inserção no mundo e a constituição da cidadania também como poder de participação.

3.1 Escola e realidade: um novo modo de ensinar e aprender

A escola defronta-se hoje com alguns problemas que demarcam profundamente o campo e o alcance de sua ação. Apresentam-se, no seu interior, problemas que vão desde a atribuição de seu papel social à questões que envolvem a prática pedagógica no seu dia-a-dia. Classificada como instrumento de reprodução das desigualdades socioculturais, a escola está passando por um momento de depuração e, talvez, de redefinição de seus objetivos e de seus fins. Segundo Eldon Henrique Mühl, professor da Faculdade de Educação/UPF:

A função política da escola no contexto atual configura-a como colaboradora no processo de desenvolvimento da consciência e da cidadania. Cabe-lhe colaborar na construção de um poder popular que ajude os indivíduos e os grupos sociais menos privilegiados a se constituírem em grupos sociais de poder, que tenham voz e vez de se pronunciarem sobre a realidade vivenciada, que denunciem injustiças cometidas contra eles, que reconheçam seus limites e que se responsabilizem pelo seu processo de libertação (MÜHL, 1994, p.21).

Enquanto lugar social destinado à produção e a veiculação do conhecimento científico, a escola faz a mediação entre o senso comum, a cultura e a ciência, pelo uso intencional de métodos e técnicas de ensino. Daí porque os elementos da prática pedagógica devem articular-se numa unidade que congregue epistemologia, ciência, ideologia, técnica e conhecimento espontâneo que, incorporados numa totalidade constituirão o método.

A educação escolar diante da diversidade que apresenta o mundo atual deve estar aberta a multiplicidade de funções e de papéis que a necessidade social lhe requer.

Embora tenhamos hoje diversos outros meios de assimilação de conhecimento, ainda é através do ensino escolar que a maior parte da população têm acesso aos conhecimentos elementares da leitura e da escrita. Através de estudos constata-se que as origens da educação coincidem com as origens do próprio homem, pois historicamente o homem se constitui a partir da forma como se relaciona com a natureza. Enquanto os animais precisam adaptar-se a ela, o homem a modifica em função de seus objetivos, neste sentido se diferencia dos

demais animais. Pelo conhecimento, o ser humano cria as condições objetivas de agir no mundo, tornando-se um ser de poder. Através de seu conhecimento e da ação prática desse conhecimento, o ser humano passa a perceber-se como ser capaz de interferir sobre o mundo e de transformá-lo. O próprio trabalho humano está associado à mudança, portanto se caracteriza por ser uma ação transformadora, dirigida e com finalidades conscientes.

Lidar com a natureza envolve a sistematização do conhecimento e a transmissão do mesmo para as gerações futuras já que o processo de educar não ocorreu sempre através das escolas, nas origens da humanidade estas ainda não existiam como lócus da educação, a mesma acontecia a todo instante e era através da convivência com os mais velhos que se educavam. O modo de produção era coletivo e destinava-se somente ao consumo; esse processo vai se intensificando e há geração de excedentes, com isso iniciam-se feiras de trocas as quais dão origem às cidades. Crescia lentamente a propriedade privada e assim surgia a possibilidade de que uma pequena minoria passasse a viver sem trabalhar apropriando-se do trabalho alheio dos não proprietários. Aparece um novo modo de produção, o escravismo.

A passagem do modo de produção primitivo para o modo de produção escravista, no período neolítico, marca o aparecimento de escolas, essas foram frutos das desigualdades e destinavam-se aos filhos de quem detinha o poder. Essa forma de educação se manteve até a Idade Média. Mesmo com o modo de produção feudal a história da educação não muda e as escolas continuam espaços de educação dos grupos dirigentes.

Na passagem da Idade Média para a Idade Moderna, o eixo da educação se deslocou das formas não escolares para as formas escolares, as quais disseminavam a visão de mundo da burguesia do século XVIII calcada nos princípios da liberdade, do individualismo e a igualdade jurídica. Liberdade para ser educado e liberdade para estudar.

Com a Revolução Francesa surgiram os princípios que norteariam posteriormente a instrução pública: a universalidade (a escola devia ser estendida a todos os cidadãos, só que, somente os proprietários eram considerados cidadãos, portanto, essa universalização era bastante restrita); a obrigatoriedade (era a única maneira de difundir a visão da Revolução Francesa); a gratuidade (se o Estado obrigava os cidadãos a freqüentar a escola este mesmo Estado devia fornecê-la gratuitamente); e a laicidade (era nada menos que a introdução de uma “nova religião”³, pois pretendia substituir a moral religiosa pela moral burguesa).

A Revolução Industrial aconteceu na Inglaterra, na segunda metade do século XVIII, e encerrou a transição entre o feudalismo e capitalismo e a fase de acumulação primitiva de capitais e de preponderância mercantil sobre a produção. No século XIX a expansão da técnica e a ampliação da divisão do trabalho, com o desenvolvimento do capitalismo, levam à necessidade da universalização do saber ler e escrever. A educação não se constitui de ocupação ociosa e sim fábrica de homens utilizáveis e adaptáveis.

³ Grifo do autor.

Com o desenvolvimento dos meios de comunicação no século XX, a burguesia desinteressou-se pela escola, pois possuía meios mais eficazes de disseminação de suas idéias. Houve a substituição da gratuidade e universalidade da escola pelo maior acesso aos meios de comunicação, com isso a escola pública passou a viver em crise sem o apoio do Estado.

A partir deste século foram introduzidas importantes mudanças nos objetivos de ensino. A educação passa a ser orientada para o futuro e busca formar homens adaptáveis e com utilidade para o mercado de trabalho.

A forma escolar transformou-se como generalizadora da educação apenas na idade moderna.

A História da Educação no Brasil não é uma história difícil de ser estudada e compreendida. Ela transforma-se e nesta movimentação apresenta rupturas marcantes e fáceis de serem percebidas. No contexto da realidade educacional em pleno século XXI, sabe-se que as exigências de mudanças são diárias e que essas exigências somente colocam o ser humano na real consciência do que se quer, como se quer e para que se quer educação.

Neste cenário, a escola que se almeja é a que seja o centro da aprendizagem compartilhada entre professor, aluno e comunidade escolar, que tenha seu projeto de vida e que prepare o aluno para o exercício consciente da cidadania. Uma escola que garanta ao aluno condições para o desenvolvimento de suas potencialidades como também das capacidades que o levam aprender a aprender. Uma escola que valorize a cultura da própria comunidade proporcionando o

acesso ao saber local, regional e universal, que prepare o aluno para que ele possa sobreviver e desenvolver-se plenamente, trabalhar com dignidade, tomar decisões e continuar aprendendo.

Busca-se uma escola de qualidade, que prepare o aluno para a vida, que tenha recursos humanos capacitados, motivados e comprometidos com o processo educativo. Uma escola que promova a construção coletiva através da participação e do comprometimento de todos; voltada para o desenvolvimento do aluno, conscientizando-o de seus atos, direitos e deveres, que o torne participativo e solidário. Essa escola só poderá ser construída com a participação e o comprometimento de cada um.

Segundo Weil: “A escola é o lugar ideal para essa tomada de consciência e de possível transformação, pois a sua função principal é modificar uma realidade difícil”.(Apud SOLER, 2003, p.18). É preciso ousar, criar uma nova cultura, primeiro na escola, na sua rua, na sua cidade, e depois talvez no mundo!

Comênio (1657), uma voz quase solitária em seu tempo, defendia a escola como o "lócus" fundamental da educação do homem, sintetizando seus ideais educativos na máxima: "Ensinar tudo a todos", (COMÊNIO, 1997, p.95) o que para ele, significava os fundamentos, os princípios que permitiriam ao homem se colocar no mundo não apenas como espectador, mas, acima de tudo, como ator.

Ele apontava como necessária a constante busca do desenvolvimento do indivíduo e do grupo, pois um melhor conhecimento de si mesmo e uma melhor capacidade de autocrítica levam a uma melhor vida social, assim como deve haver a solidez

moral que pode ser conseguida por meio da educação. Para ele, didática é ao mesmo tempo processo e tratado. É tanto o ato como a arte de ensinar.

A estrutura vigente nos sistemas de ensino ainda refletem o modelo das sociedades industriais transposto para os países em desenvolvimento e que está relacionada às características de expansão do capitalismo entre o século XIX e a primeira metade do século XX. Continuamos ainda hoje em nossas escolas atrelados a esse modelo e todas as mudanças em curso apontam para a necessidade de reforma na estrutura e nas funções dos sistemas de ensino, no currículo e na formação dos profissionais da educação para superar um modelo de sistema de ensino que não responde mais às necessidades atuais.

Já a atuação do regime militar (1964-85) interviu com força econômica e politicamente na área social, no intuito de equilibrar as desigualdades e injustiças econômico-sociais. Neste período de transição política, as críticas ao estado ressaltavam a respeito da centralização de poder, de recursos e vulnerabilidade das relações entre Estado e a sociedade civil. (GADOTTI, 1994)

É importante assinalar que na história política brasileira a tensão entre centralização/ descentralização sempre esteve presente desde os tempos coloniais. Após o fim do regime militar, com o advento da democracia, a preocupação com a gestão democrática do Estado busca qualidade, eficácia e eficiência dos gastos públicos na área social.

A tendência à descentralização pode ser verificada desde os anos 80 e firma o consenso de regionalizar e municipalizar seus sistemas de

ensino, o que acabou por delegar à escola mais responsabilidade do que autonomia. Pois, segundo Casassus: “A tradição centralista da política latino-americana não seria automaticamente substituída por uma tradição descentralizada sem que se alterasse o patrimonialismo que permeia a história política e a formação dos países latino-americanos” (CASASSUS, apud MARTINS, 2002, p. 111).

Entende-se que para que a descentralização corresponda à democratização é preciso não mimetizar os dois processos, se a descentralização for apenas dar autonomia sem recursos ou dar autonomia para cada um fazer o que quiser com a escola certamente não teremos uma efetiva democratização do ensino.

Pois, segundo Martins (2002), seja qual for a perspectiva de análise ou de crítica à centralização das políticas educacionais, é importante destacar que os argumentos sejam oriundos de diretrizes oficiais ou de estudos acadêmicos os quais apontam que os processos de descentralização são necessários e devem persistir, no nível político, a democratização e a participação dos usuários nas decisões quanto aos fins da educação; no pedagógico, a participação na elaboração de programas educacionais; no econômico, a otimização de recursos e, no nível administrativo, a agilidade no fluxo burocrático.

Há um longo caminho a ser percorrido quanto ao que indicam as recentes diretrizes para as reformas do ensino. As escolas requerem autonomia, porém acabam sendo responsabilizadas pelo sucesso ou fracasso do aluno que não se adapta às avaliações que determinam a sua aprendizagem, pois a área da educação está vinculada com sua organização escolar e curricular; ao paradigma do discurso político

que fundamenta diretrizes que há muito tempo reivindicam autonomia para elaboração de seus próprios projetos definindo suas demandas que lhes dêem acesso ao fluxo que caracteriza os investimentos financeiros da escola, porém, o controle ainda é do Estado.

Mello é uma autora que salienta que há ausência de autonomia da escola, bem como a dificuldade em fazer chegar às instituições escolares os recursos financeiros e de infra-estrutura, os quais são consumidos por máquinas burocráticas onerosas e ineficientes, que ao invés de configurarem estratégias de descentralização “produziram efeitos contrários aos previstos: reconcentração de poder, localismo e regionalismo estreito, aumento das desigualdades sociais” (MELLO apud MARTINS, 1993, p.93). As radicais transformações pelas quais passamos refletem uma época de transição e firmam em todos os segmentos sociais uma nova maneira de ver o mundo projetando para a escola um novo conceito de educação que se identifique com os princípios da cidadania.

De acordo com os ideais da democracia, Dewey (1859-1952), vê na escola o instrumento ideal para estender a todos os indivíduos os seus benefícios, tendo a educação uma função democratizadora de igualar as oportunidades. As constantes e rápidas mudanças pelas quais o Brasil e o mundo têm passado nas últimas décadas, em seus aspectos social, político e econômico, colocam para a escola um quadro de dúvidas e conflitos, gerando uma verdadeira crise de identidade diante de seus conceitos e paradigmas. Igualmente, tal crise de identidade acaba sendo incorporada pelo educador que busca definir qual seu papel diante do atual cenário histórico.

As alterações que ocorrem ultimamente na estrutura social, principalmente na estrutura familiar, transferiram para a escola outras responsabilidades que se colocam como desafios, onde a instituição escolar necessita repensar seu espaço ainda entendido como um lugar de repasse de conteúdos, transmissão de informação e preparo para o mercado de trabalho. Pois, segundo Oliveira, quando se atende “a uma necessidade concreta da prática social, seja ela qual for, efetiva-se de alguma forma a função política da educação” (OLIVEIRA, 1987, p. 31). A realidade hoje demanda reconstruir conceitos e paradigmas que se encontram deslocados e estranhos ao seu tempo, redefinindo-os e estabelecendo outros vínculos entre o mundo da vida e o mundo do sistema.

A estrutura social projetada pelo Estado Moderno buscou definir papéis para cada um de seus setores como a família, a escola e a empresa. Através dessa organização definida, gerou uma cultura de garantia e de certeza de bem estar social, dos direitos e deveres estabelecidos para todos numa proposta de integração nacional. No entanto, tais estruturas assim definidas já não são identificadas no atual conjunto estrutural.

A desintegração dessas promessas gerou, principalmente na instituição escolar, um quadro de insegurança, de conflito de paradigmas, resistências e dificuldades de estabelecer um diálogo com outros grupos de sociedade, entre eles a família, buscando estabelecer outros vínculos e dividir responsabilidades na formação e educação do

novo cidadão necessário neste mundo globalizado, de diversas culturas e interesses. Nesse novo cenário histórico, à escola não cabe mais apenas ensinar conteúdos de forma homogênea, numa dimensão unilateral, considerando que tal concepção de educação pertence a um mundo que se encontra cada vez mais extinto.

Torna-se imprescindível estabelecer novos critérios para que as filosofias propostas no plano discursivo das escolas consigam realmente, ser colocadas em prática considerando um mundo real, atual e carente de novas propostas educacionais. O caminho que se apresenta é de desafios, de forma que estruturas rígidas que limitam as possibilidades e que foram historicamente construídas, precisam ser fragilizadas e reconstruídas, de maneira que as dimensões éticas venham a complementar e contribuir com a dimensão técnico-instrumental. Um projeto educacional político-pedagógico extrapola os limites da escola e interage com a sociedade sendo que, necessariamente o local precisa ter uma visão do global, numa leitura crítica e dialética de ambos os contextos.

As constantes mudanças, em todos os aspectos, que acontecem no contexto atual, contrapõe-se à rigidez de conteúdos, de instrumentos disciplinares, de avaliação, presentes na escola, que pouco contribuem para fazer pensar e agir sobre que atitudes tomar diante dos fatos que se apresentam. Dessa forma, o espaço da escola perde oportunidades de contribuir para o processo de construção da identidade das pessoas que nela convivem, como também, contradiz-se uma vez que se propõe, na sua filosofia, a contribuir para a formação da cidadania, pois “o homem não é só um produto das circunstâncias, mas também aquele que cria e as transforma” (OLIVEIRA, 1987, p. 97).

Entre os desafios que hoje se apresentam à educação escolar coloca-se a questão de refletir-se sobre a possibilidade dessa educação contribuir, através da sua pedagogia, para a formação crítica do educando constituindo-se como um meio formador de opinião pública sem prescindir da qualidade formal dos conhecimentos científicos de maneira que o aluno sintá-se, permanentemente, instigado a buscá-los. As críticas que hoje se colocam à escola não podem ser entendidas como um estado de confronto permanente onde uns colocam-se de um lado e outros no lado oposto. Tal postura antes de resolver problemas, os amplia, pois perde a oportunidade de ir para além dessa situação de confronto para lançar mão do potencial de entendimento, mediada pelo diálogo, na busca de outros consensos válidos, onde ambos os lados contribuem e também usufruem os benefícios.

O consenso buscado não suprime a crítica ou os conflitos que permeiam qualquer relação intersubjetiva, pois tal concepção poderia conduzir a outro estado de alienação e dominação no campo da linguagem ou de qualquer outra forma de expressão. O consenso traz a expectativa de entendimento, de alternativas para situações que se apresentam, para as quais todos estão convidados a participar através de seus conhecimentos, de seus saberes que se tornam válidos a partir do debate, da argumentação, baseada em valores éticos, tão necessários no atual contexto. Dessa forma, o conhecimento questionado traz a possibilidade de reconstrução científica do próprio conhecimento. Pois, como afirma Nóvoa “a formação não se constrói por acumulação de cursos, de conhecimentos ou de técnicas, mas sim de um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal (NÓVOA, 1992, p.25).

Tal possibilidade requer comprometimento e responsabilidade formal e política, pois exige que a crítica seja concebida como meio de construir alternativas teóricas e práticas através do diálogo crítico e criativo. O estado defensivo e de insegurança estabelecido por muitos educadores diante de concepções pós-modernas que hoje se apresentam precisa ser repensado no sentido de representar um novo ambiente que se coloca mais aberto aos questionamentos, ao diálogo, à valorização da diversidade e da criatividade.

Tal postura não põe em risco conhecimentos historicamente construídos. Ao contrário, a proposta é de repensá-los, reconstruí-los, buscando inovar sem prescindir de comprometimento político e qualidade formal necessários para intervir na realidade. Esse novo cenário exige também novas atitudes, outras formas de pensar e agir e coloca o educador no compromisso de buscar uma outra formação, resgatando sua capacidade de investigar, estudar, propor projetos inovadores, criativos, comprometidos com a realidade em que está inserido.

A escola, entendida enquanto espaço de formação para uma cidadania comprometida com a reconstrução das condições necessárias para interpretar a realidade coloca-se numa perspectiva imprescindível de pesquisador de seu contexto, numa postura crítico-reflexiva de sua prática pedagógica. De acordo com Gadotti: “Cidadão é aquele que participa do governo e só pode participar do governo quem tiver poder, liberdade e autonomia para exercê-lo” (GADOTTI, 1994, p.38). Um profissional assim pretendido exige a articulação de espaços destinados para essa formação. 0

A escola, fazendo uso das pretensões de uma gestão democrática

assume o compromisso de repensar a estrutura rígida que ora se apresenta na possibilidade de propor ações político-pedagógicas que viabilizem a formação do educador pesquisador.

Segundo Teixeira:

Se o educador tiver uma cultura geral, que lhe permita organizar uma doutrina de vida e ampliar o seu horizonte mental, poderá ver o problema educacional em conjunto, de um ponto de vista mais largo, para subordinar o problema pedagógico ou dos métodos ao problema filosófico ou dos fins da educação (TEIXEIRA, 1977, p. 56).

A escola não é uma instância isolada, portanto não se pode supor que ela irá propiciar a aquisição do conhecimento isolado da prática social, pois na escola, a prática educativa reflete as transformações sociais que eclodem na medida em que se aguçam as múltiplas contradições inerentes à realidade onde está inserida.

3.2. Professores para uma nova realidade

As constantes mudanças que acontecem no mundo, promovidas principalmente pela capacidade de comunicação global em todos os setores e com grande velocidade, impulsionadas pela alta tecnologia, colocam em questão a necessidade de repensar as estruturas educacionais no sentido de propor alternativas de interagir nessa realidade. A estrutura rígida e burocratizada da escola percebida nos modelos educativos em que a transmissão de conteúdos descontextualizados e fragmentados em disciplinas é ainda uma prática constante, opõe-se à flexibilidade com que os conhecimentos devem ser construídos e utilizados.

Para enfrentar esta situação precisa-se de professores que ofereçam um ensino contextualizado, isto é, que corresponda aos interesses e às necessidades sócio-culturais da população escolar onde o aluno deve deixar de ser um receptáculo de conhecimentos fragmentados e sem significados para ser o sujeito de sua aprendizagem. Ele deve priorizar a participação efetiva do aluno na construção e reconstrução do conhecimento e da cidadania competente.

Almejam-se, professores que tenham senso de humor, sejam empáticos, mais democráticos e possam se relacionar fácil e naturalmente com os alunos, que nas salas de aula sejam abertos a mudanças, sempre considerando que a experiência de vida do aluno deve ser o primeiro passo para a aprendizagem.

Já disse Freire “Ninguém educa ninguém. Ninguém educa a si mesmo. As pessoas se educam entre si, mediatizadas pelo mundo” (FREIRE, 2001, p.7).

Hoje o contexto de aprendizado não é por excelência a escola, mas o mundo. Por isso o papel da instituição de ensino é proporcionar situações em que o aluno construa seu conhecimento. Ao professor cabe a função de orientador da aprendizagem e para que isso ocorra de forma contínua e eficaz precisa ser um pesquisador e adotar metodologias favoráveis.

Aqui a pesquisa aparece como um dos instrumentos de aprendizagem mais eficiente. Para Demo, educador contemporâneo, “pesquisa (...) é a atitude cotidiana do aprender a aprender, saber pensar para melhor agir” (DEMO, 1996, p.51).

Para que esse ensino aconteça é necessário mudar a cara da escola e do profissional que nela atua. Para isso é preciso ousar e romper com a mesmice que vem ocorrendo ano após ano e onde o discurso de muitos professores não condiz com suas práticas. As ações pedagógicas continuam tendo como ponto central o ensino restrito à transmissão de conhecimentos, não abrindo espaço para a ressignificação dos temas em estudo, tornando-os sem vitalidade, uma vez que não há confrontação com a realidade do mundo vivido.

Atualmente buscam-se alternativas para reverter este descompasso, procurando envolver os professores num processo reflexivo sobre seu ensino. Frente a essa realidade, mudanças precisam ser pensadas; não há receitas prontas, é necessário recriar

constantemente, baseando-se num compromisso que se transforme em ações, integrando os elementos do cotidiano escolar ao ensino e a aprendizagem num espaço em que se proponha uma análise aberta para um contexto de vida. Segundo Delors:

O professor do mundo de hoje, orientado por uma nova concepção de vida, precisa refletir sobre sua prática num processo de reciprocidade, interagindo com o aluno, estabelecendo o confronto para o diálogo e para a troca de argumentos como sendo instrumentos essenciais para que se efetue a educação do século XXI (DELORS, 1999, p.98).

Nesta ótica pretende-se que o professor seja crítico-reflexivo e ofereça a seus alunos a possibilidade de desenvolver a capacidade de pensar, de ressignificar o que a humanidade aprendeu durante gerações, de decidir e assim tornar-se pessoa, levando esse alunos a uma nova forma de ver, pensar e agir sobre o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se entender educação como um instrumento de formação ampla, de luta pelos direitos da cidadania e da emancipação social, preparando as pessoas e a sociedade para a responsabilidade de construir, coletivamente, um projeto de inclusão e de qualidade social para o país.

A qualidade social demanda providenciar educação escolar com padrões de excelência e adequação aos interesses da maioria da população. Os valores solidariedade, justiça, honestidade, autonomia, liberdade e cidadania implicam no desenvolvimento da consciência moral e da forma de agir. A educação de qualidade social tem como conseqüência à inclusão social, através da qual todos os brasileiros se tornem aptos ao questionamento, à problematização, à tomada de decisões, buscando as ações coletivas possíveis e necessárias ao encaminhamento dos problemas de cada um e da comunidade onde vivem e trabalham. Incluir significa possibilitar o acesso e a permanência, com sucesso, nas escolas, significa gerir democraticamente a educação incorporando a sociedade na definição das prioridades das políticas sociais, em especial a educacional. O ser humano é concebido como ser ativo, crítico, construtor de sua própria cultura, da história e da sociedade em que vive; para tanto é imprescindível seu acesso a uma escola que, além de formação ampla, desenvolva valores e atributos inerentes à cidadania.

Tal escola se opõe àquela que vincula a educação a prerrogativas mercadológicas globalizantes, com o intuito de formar indivíduos pretensamente consumidores e competitivos. A educação, nessa perspectiva, vai dirigir-se ao ser humano integral, englobando todas as dimensões de sua relação com o mundo. Assim, a escola deixa de ser o único espaço de obtenção de informação, pois ela está presente em todos os meios de comunicação. Daí, ser um dos principais objetivos do processo educativo elaborar os instrumentos de descoberta, escolha e integração das informações disponíveis. Nessa dimensão a escola se redefine como espaço democrático de elaboração de valores, de tolerância e respeito às diferenças, de produção e disseminação de conhecimento e de convivência humana e social, cultural e política, levando sempre em consideração a realidade das relações sociais e de trabalho e fazendo com que o aluno sinta-se motivado a permanecer na escola.

Nessa perspectiva a escola, garantida e financiada pelo Estado, é constituída por alunos, pais, professores, técnico-administrativos e funcionários e assim construída como espaço público de troca e elaboração de experiências tendo em vista a articulação das ações possíveis e necessárias à solução dos problemas de cada comunidade e do desenvolvimento de todos.

A gestão democrática da educação vai possibilitar a democratização do acesso e a permanência das crianças e jovens nas escolas, a valorização do profissional da educação e a educação de qualidade para todos, através da organização da sociedade e do aprofundamento da cidadania.

As formas sociais existentes hoje preconizam a necessidade de a escola incorporar novos conceitos e novas práticas, uma vez que “a nossa compreensão do significado da diferença determinará, em grande parte, o futuro de nossos projetos educacionais” (Mclaren, 1997, p.319). Isso mostra a urgência de uma pedagogia de transformação. Seria muita ingenuidade buscar um mundo sem conflitos ou uma sociedade totalmente igualitária; mas busca-se, sim, através de um compromisso pedagógico e político, a criação de uma cidadania crítica-reflexiva capaz de propor alternativas, para recriar uma sociedade mais justa com um número cada vez menor de excluídos.

Este é um resultado provisório, onde se espera que todos os envolvidos no processo de educação repensem suas práticas e saibam das necessidades que os educando têm em permanecer na escola, fazendo com que esses se sintam envolvidos no processo ensino-aprendizagem e assim possam modificar sua realidade, pois acredita-se que vivemos hoje um momento precioso e único, faltando, talvez, apenas um pouco mais de confiança para que se possa apostar no futuro e fazê-lo acontecer.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, I. **Escola reflexiva e a nova racionalidade** (org.) Porto Alegre: Artmed, 2001.
- _____. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 2 ed., São Paulo, Cortez, 2003.
- ALVES, R. **Alegria de Ensinar**. São Paulo: Ed. Poética, 1994.
- ARROYO, M. G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- COMÊNIO, I. A. **Didactica Magna**. Vozes. Rio de Janeiro, 1997.
- DELORS, J. **Educação um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO. São Paulo: Cortez, 1999.
- DEMO, P. **Pesquisa e construção de conhecimentos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- _____. **Educar pela pesquisa**. 4 ed., Campinas: Autores associados, 2000.
- DEWEY, J. **Como Pensamos: como se relaciona o pensamento reflexivo com o próprio processo educativo; uma reexposição**. São Paulo: Nacional, 1979.
- ECA, art. 56, II. SP: **Autores associados**, 1995. (Coleção Polêmicas do nosso tempo).
- FRANTZ, L. M., apud MÜHL Eldon Henrique. **Fazer pedagógico: construções e perspectivas**. Ijuí: UNIJUÍ. Departamento de Pedagogia, 1994 (p. 15-24).

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 24 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **A educação na cidade**. 2 ed., São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Caderno Pedagógico 2 – Semana Pedagógica Paulo Freire**. Corag, 2001.

GADOTTI, M., 1941- **Uma só escola para todos: caminhos da autonomia escolar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

_____. **Escola Cidadã**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **História das Idéias Pedagógicas**. Série Educação, São Paulo, Editora Ática, 2001.

GRILLO, M.C., BOCCHESI, J. **Transposição didática no cotidiano do professor**. Porto Alegre, Rev. ADPUC, n.1, p.57-65, out. 1999.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.

LÜDKE, M., ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagem qualitativa**. São Paulo: EPU, 1986.

MACLAREN, P. **A vida nas escolas**. Uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1977.

MARTINS, A. M., CASASSUS e MELLO, In: MELLO G. N. **Autonomia da escola: a (ex)ensão do tema nas políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 2002 (p.89-107).

MELLO, G. N. de. Acesso e permanência na Escola. In: MELLO, G.N. **Cidadania do Terceiro Milênio**. São Paulo: Cortez, 2000 (p. 45-62).

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994 (p.30-54).

MORAES, R. Análise de conteúdo: possibilidades e limites. In: ENGERS, M.E. (org.). **Paradigmas e metodologias de pesquisa em educação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

_____. **Análise do conteúdo**. Porto Alegre, Revista Educação, n.37, mar. 1999 (p.07-31).

MORAES, R. Análise de conteúdo: possibilidades e limites. In: **Paradigmas e metodologias de pesquisa em educação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995 (p. 37-46).

MORAIS, R. **O que é ensinar?** São Paulo: EPU, 1986.

NÓVOA, A. (org). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

OLIVEIRA, B. A.; DUARTE, N. **Socialização do saber escolar**. São Paulo: Cortez, 1987.

SOLER, R. **Jogos cooperativos para educação infantil**. Pierre Weil Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

TEIXEIRA, A. **A escola pública universal e gratuita**. São Paulo, Nacional, 1977.

TRIVINÕS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WEIL, P. **A arte de viver em paz**. (Unesco, 1990).

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – UFSM
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS PROFESSORES E EQUIPE DIRETIVA

“O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho. Por isso os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos”.

Ruben Alves.

Cargo funcional: _____

Grau de instrução: _____

Tempo de atuação na função: _____

Tempo de trabalho na escola: _____

Estou fazendo uma pesquisa para analisar qual a verdadeira causa da Evasão Escolar e a relação da prática docente frente a essa realidade para que uma mudança realmente significativa venha a acontecer. Sua contribuição será de muita importância para a elaboração de minha monografia de especialização.

Obrigada pela compreensão e colaboração!

1. Para você, quais as causas da Evasão Escolar?
2. Na sua opinião o que é preciso para que o aluno sintasse motivado a ir à Escola?
3. O que poderia ser feito para reverter o índice de Evasão na escola em que atua?

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – UFSM
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS ALUNOS

IDADE: _____

SÉRIE EM CURSO: _____

TURNO: _____

1. Você considera o estudo importante? Por quê?

2. Na sua opinião por que os alunos estão deixando a escola antes de concluir seus estudos?

3. Você concorda que exista uma forte relação entre a permanência na escola e a relação professor x aluno?

